



A MULHER, O TRABALHO E A FORMAÇÃO DOCENTE – A FOTOGRAFIA COMO FONTE DE PESQUISA SOCIAL

Darién Bragança

Universidade Federal Fluminense – UFF (Brasil)

Endereço eletrônico: darienbraganca@id.uff.br

Maria Ciavatta

Universidade Federal Fluminense – UFF (Brasil)

Endereço eletrônico: maria.ciavatta@gmail.com

Sania Nayara Ferreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (Brasil)

Endereço eletrônico: sanianayara@id.uff.br

424

INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte da pesquisa aprovada pelo CNPq (CIAVATTA, 2017) que tem como objetivo principal o estudo da fotografia como fonte de pesquisa social, sobre categorias e conceitos que se articulam às fotografias em trabalhos de História da Educação e da História do Trabalho-Educação. Em termos de objetivos específicos, temos procedido ao levantamento e análise de publicações (artigos de revistas especializadas e livros) e trabalhos científicos (teses e dissertações).

A História da Educação expandiu-se nas últimas décadas, abordando os múltiplos aspectos das atividades educacionais na escola e demais âmbitos da educação. Do ponto dos fundamentos, são muitas as tendências empírico-documentais e teóricas, acompanhando os avanços da História, disciplina que tem ruma rica tradição de autores, conceitos, áreas de estudos. O estudo da História do Trabalho-Educação, é menos expressivo em termos quantitativos, mas tem se feito presente na medida em que se expandem as instituições de educação profissional.

Neste trabalho, limitamo-nos a alguns artigos de uma revista especializada, a Revista do HISTEDBR. São essas nossas fontes; elas revelam os acontecimentos e permitem a construção do discurso histórico. Em relação ao tema, o foco é o trabalho da mulher presente em algumas iniciativas, para se inserir em atividades externas à vida familiar, particularmente, a formação e o trabalho docente.



METODOLOGIA

Em termos teóricos, muitos estudos, a exemplo deste que estamos desenvolvendo, têm por base a dupla fundamentação do trabalho: como elemento de criação, que estrutura um novo tipo de ser, o ser humano, produzindo valores de uso; e como força de trabalho, como valor de troca que se estrutura no mercado de trabalho de acordo com o avanço das forças produtivas e o desenvolvimento científico e tecnológico (MARX, 1980; LUKÁCS, 1978). Homens e mulheres, na atualidade, retiram do trabalho os recursos para a manutenção da vida familiar. Mas essa presença consentida e necessária das mulheres nas atividades externas laborais tem uma história tortuosa de lutas e conquistas, de restrições, preconceitos, mas também, a ousadia e a criatividade para prevalecessem os valores da igualdade de gênero, de seus conhecimentos e competências em todas as áreas de atuação social.

O trabalho, em ambos os sentidos, como valor de troca e como valor de uso, está presente, através de suas múltiplas mediações históricas, tanto no mundo real, como em suas representações, como as fotografias. Metodologicamente, no estudo da fotografia como fonte histórica, trata-se de buscar as múltiplas relações que estão subjacentes ao objeto fotográfico, seus significados, a produção, o fotógrafo, a preservação em acervos públicos ou privados, a utilização, a recepção e leitura das imagens (MAUAD, 2008; CIAVATTA, 2015a). Na pesquisa em História da Educação e em História do Trabalho-Educação, os estudos com a fotografia se beneficiaram dos preciosos “achados” de novos arquivos, escolares ou biográficos, e de arquivos da história dos trabalhadores.

Algumas categorias analíticas do materialismo histórico são fundamentais para o trabalho: totalidade, mediação, contradição, historicidade, tempo-espço, sujeito social (MARX, 1980; CIAVATTA, 2015 e outros). A história é a produção social da existência, dizem Marx e Engels (1979), abrindo uma janela de possibilidades para a compreensão não apenas dos grandes feitos, mas de todos os fenômenos da vida de todas as classes sociais. A historicidade da educação e de trabalho-educação, em uma concepção dialética do espaço-tempo, trata dos fenômenos sociais da vida humana na sua temporalidade complexa, a exemplo dos tempos múltiplos de Braudel (1982), quando fala da longa duração da estrutura, da média duração da conjuntura e do tempo breve dos acontecimentos. Nos artigos examinados, estão presentes a longa duração do tempo do capitalismo que é o tempo das atividades econômicas onde o trabalho se



realiza através de suas múltiplas mediações e contradições sociais nas diversas conjunturas políticas, culturais, sociais e nos acontecimentos.

Partimos do conceito de totalidade social que articula, dialeticamente, um conjunto de relações sociais relativas a determinado fenômeno social, sob a ação dos sujeitos sociais. A totalidade social não se confunde com tudo, nem com os regimes políticos totalitaristas. O conceito de totalidade como questão epistemológica e como questão metodológica opõe-se à ideia de modelo ou de estruturas cristalizadas. Caracteriza-se pela capacidade de problematização dos fenômenos que não são fatos isolados, mas relacionados a muitos outros fenômenos. As mediações e contradições processos sociais complexos, múltiplas relações, que constituem objetos e acontecimentos, na relação todo e partes das totalidades sociais. As mediações históricas reconstruem, ao nível do pensamento, os processos da vida real, nos seus nexos e significados. A contradição é o momento necessário da dialética, é o movimento da realidade em transformação, afirmando que o ser é e não é ao mesmo tempo, ao nível do pensamento e do real, porque o mundo externo está em permanente transformação (CIAVATTA, 2015).

426

A mulher, o trabalho e a formação docente (Resultados e discussão)

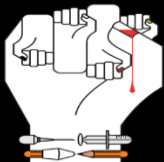
Para fins de entendimento da problemática levantada nos artigos analisados nesta pesquisa, acerca da história das mulheres no mundo do trabalho e, especificamente, no trabalho docente, trazemos alguns aspectos sobre a história das mulheres abordada neste texto. Selecionamos para análise quatro artigos que dizem respeito à história das mulheres no mundo do trabalho e da educação, que utilizam fotografias como fontes de pesquisa. Três deles tratam da integração das mulheres no trabalho docente e as mudanças no campo educacional a partir de tal inserção feminina. São os seguintes: “A escola normal de Curitiba e o pioneirismo de Julia Wanderley” (NASCIMENTO; SOUZA, 2011); “Valorização profissional e feminização dos professores do curso normal do Instituto Estadual de Educação Olavo Bilac/RS, entre 1901 e 1970” (BRAIDO; FERRIRA, 2019) e “Elisa Scheid uma professora nos movimentos de trabalhadores da estrada de ferro central do Brasil (Engenho de Dentro, Rio De Janeiro, 1890 a 1910)” (RIZZINI, GOMES; SHUELER, 2020. Já o quarto artigo analisado “O trabalho invisível no sertão e o saber-fazer das mulheres na produção de queijo” (RIZZINI; SCHUELER, 2018) trata de mulheres sertanejas responsáveis

Realização:



Apoio:





historicamente pelo sustento de suas famílias através de sua produção manufatureira. Consideramos que ao tratar dos quatro artigos, embora de forma breve, iremos nos debruçar sobre a própria história das mulheres e a rica historiografia sobre o tema, a fim de entender a totalidade referente à esta questão.

O debate sobre a história das mulheres também evolui desde suas primeiras produções mais conhecidas, de forma a criticar a concepção universal de “mulher”. Autoras que construíram o feminismo negro, como Bell Hooks (2015), foram importantes na crítica aos estudos feministas que tratavam das mulheres brancas e de classe média ou alta, como se sua trajetória de emancipação ou experiência dentro do sistema patriarcal e capitalista fossem as mesmas de mulheres pertencentes a outros grupos étnicos ou sociais. A exemplo disso, a autora contrapõe as ideias de Betty Friedman, importante feminista do século XX, problematizando a emancipação feminina através simplesmente da inserção no mercado de trabalho ao apontar que na época de sua publicação um terço das mulheres nos Estados Unidos já eram parte da força laboral do país. Pela relação com nosso tema de análise, buscaremos tratar de tal perspectiva quando entendermos o grupo de mulheres que alcançaram os cargos como novas professoras formadas e as contradições constituintes desse cenário histórico.

Entender as diferenças dentro da categoria “mulher” é essencial para a compreensão da totalidade do processo educacional, já que este constitui-se com sujeitos que não podem ser considerados neutros (RIZZINI; SCHUELER, 2018) em um contexto social específico, neste caso, o Brasil no século XIX, marcado pelas contradições referentes a um passado escravista recente. Com isso, entendemos que não só o trabalho tem significados diferentes para homens e mulheres, como também, entre as mulheres os significados mudam de acordo com especificidades sociais desse sujeito. Por exemplo, no século XIX e começo do XX, período estudado nesta pesquisa, até mesmo o fato de alguém ser casada, ou não, era um forte determinante social.

Em um dos artigos, as autoras Irma Rizzini e Alessandra Schueler (2018) abordam a presença das mulheres na docência. Esse estudo insere-se em um contexto historiográfico em que se revisa a ideia de que as mulheres não faziam parte do espaço público no século XIX, entre outras atividades, como trabalhadoras. A exemplo, o artigo demonstra como, entre 1870 e 1940, o número de mulheres na educação primária aumentou três vezes mais que o número de homens. Nesse sentido, a docência aparece como um campo em que a sociedade passa a aceitar como “feminino”, ou seja,



compatível com as características entendidas tradicionalmente como naturalmente femininas.

CONCLUSÕES

Entretanto, como apontam as autoras, a história do movimento feminista e suas demandas influenciaram seriamente os estudos e interpretações sobre a história das mulheres, e esses estudos entendem que os gêneros feminino e masculino são ambos construídos historicamente. Dessa forma, não se entende a “mulher” como uma categoria essencialista, natural ou apenas biológica. Em seu texto, Rizzini e Schueler (2018) argumentam, baseado na obra de Joan Scott, que os trabalhos de homens e mulheres significam coisas diferentes no mercado de trabalho, gerando uma divisão sexual entre as práticas laborais. A possibilidade de uso da força de trabalho feminino era ligada à imoralidade e, por isso, o debate no século XIX, que foi legado ao século XX, era em torno de quais seriam profissões permitidas às mulheres de forma a não prejudicar a ordem dos papéis de gênero do período. Justamente o magistério aparece como essa possibilidade.

428

REFERÊNCIAS

BERTONI, Luci Mara; MENEZES, Sônia de Souza Mendonça. O trabalho invisível no sertão e o saber-fazer das mulheres na produção de queijo. **Revista HISTEDBR On-line** Campinas, SP, v.16, n.70, p.103-118, dez., 2016.

BRAGANÇA, Darién. Respectivo ao tema “perspectiva feminista no século XIX”. Resumo. Bolsa PIBIC-CNPq-UFF. Niterói: UFF, 2022.

BRAIDO, Luiza da Silva; FERREIRA, Liliana Soares. Valorização profissional e feminização dos professores do curso normal do Instituto Estadual de Educação Olayo Bilac/RS, entre 1901 e 1970. **Revista HISTEDBR On-line** Campinas, SP, v.19, p.01-21, jul., 2019.

BRAUDEL, Ferdinand. A longa duração. In: _____. **História e ciências sociais**. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

CIAVATTA, Maria. **Da história da educação à história do trabalho-educação**. A fotografia como fonte de pesquisa histórica. Projeto de Pesquisa Proc. 312515 / 2017-0. Niterói: UFF, 2017.

CIAVATTA, Maria. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento**: a historicidade da educação profissional. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

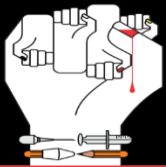
CIAVATTA, Maria. O uso da fotografia na pesquisa social e a educação. In: _____. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento**: a historicidade da educação profissional. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015a, p. 71-95.

Realização:



Apoio:





HOOKS, Bell. Mulheres negras: moldando a teoria feminista. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

LUKÁCS, Georg. As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem. **Temas de Ciências Humanas**. São Paulo, nº 4, 1978.

MARX, Karl. **O capital**. (Crítica da Economia Política). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MARX, Karl; ENGELS, F. **A ideologia alemã** (*Feuerbach*). São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MAUAD, Ana Maria. **Poses e flagrantes**: ensaios sobre história e fotografias. Niterói, Editora da UFF, 2008.

NASCIMENTO, Maria Isabel; SOUSA, Nilvan. A escola normal de Curitiba e o pioneirismo de Julia Wanderley. **Revista HISTEDBR On-line** Campinas, SP, v.11, n.42, p.265-278, jun., 2011.

RIZZINI, Irene; SCHUELER, Alessandra F. Entre o mundo da casa e o espaço público: um plebiscito sobre a educação da mulher (Rio de Janeiro, 1906). **Revista de História e Historiografia da Educação**, Curitiba, v. 2, n. 4, p. 122-146, janeiro/abril de 2018. p.126.

RIZZINI, Irma; GOMES, Camilla Estevam Dantas; SHUELER, Alessandra Frota Martinez de. Elisa Scheid uma professora nos movimentos de trabalhadores da estrada de ferro central do Brasil (Engenho de Dentro, Rio De Janeiro, 1890 a 1910). **Revista HISTEDBR On-line** Campinas, SP, v.20, p.01-18, out., 2020.